

# Vestígios da chuva

Depois de escutar a própria voz dizer que sim, ela foi. Sem avisos, como deve ser. Pensou antes em bilhetes, em falsetes, em beijos não dados, em catástrofes desfeitas, em poemas inacabados e frases não ditas... E foi. Primeiro espiou o chão. Não era tão alto assim. Não tanto quanto deveria ser. Depois se descalçou, sentindo a frieza da chão de azulejos. Eles eram coloridos e esse era um dos poucos detalhes de que gostava naquela casa de paredes rachadas por intensas infiltrações; pensou um pouco mais. Em nada. Não tinha muito pra lembrar, além das coisas não realizadas. Segurou na grade. Também estava fria. Fitou o céu por um breve instante e percebeu o cinza de algumas nuvens transitórias. De repente, um pingo de chuva se desfez em seu nariz. Seria um sinal? Mas porque pensar em sinais se nunca lhe acometera antes a fé nas coisas?

Esqueceu. Pensou em como subir na grade alta e resolveu buscar um banco. As gotas de chuva agora eram muitas e já não tinha mais certeza se aquele era o momento certo: não queria que seu sangue se espalhasse com a chuva pela calçada; havia crianças no prédio, o melhor seria algo que pudesse ser rapidamente dissipado – ela, seu corpo, seu sangue. Vestígios demais nunca lhe caíram muito bem.

Ajeitou o banquinho – lembrança de uma irmã distante - apoiou-se novamente na grade. Sentiu um tanto mais a chuva que invadia seu rosto, seus poros, sua alma. Esqueceu-se ali, de olhos fechados. Segundos se passaram, minutos, horas... E a chuva não cessava em seus ouvidos. Encharcada, apoiava-se na grade, de pé no banco, descalça. A água da chuva invadiu também a varanda e a sala e os pés de madeira da mesinha. O tapete também encharcara e o livro de Bukowski no chão: Tudo esmaecia àquela solidão pulsante, àquela enxurrada de incertezas, àquelas gotas multiplicadas, naquele instante.

...

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/vestigios-da-chuva>